

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Programa de extensão

MUSEOLOGIA NA UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA A PARTIR DA ATUAÇÃO DE SEUS AGENTES

IARA CONCEIÇÃO BITENCOURT NEVES

(entrevista)

Porto Alegre

2023

FICHA TÉCNICA

Programa de extensão: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias

Projetos de pesquisa: Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias e História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes

Número da entrevista: MSL6.3.1

Entrevistada: Iara Conceição Bitencourt Neves

Nascimento: 18 de dezembro de 1941

Entrevistadores: Lizandra Caon Bittencourt e Igor Duarte Flores Pinto

Data da entrevista: 31 de janeiro de 2023

Local da entrevista: Porto Alegre, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), Laboratório de Cultura Material e Conservação - sala 103 do Anexo I Saúde

Transcrição: Isadora Medaglia Guarnier, Lizandra Caon

Conferência Fidelidade: Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz

Copidesque: Ana Carolina Gelmini de Faria, Lourdes Maria Agnes e Marlise Giovanaz

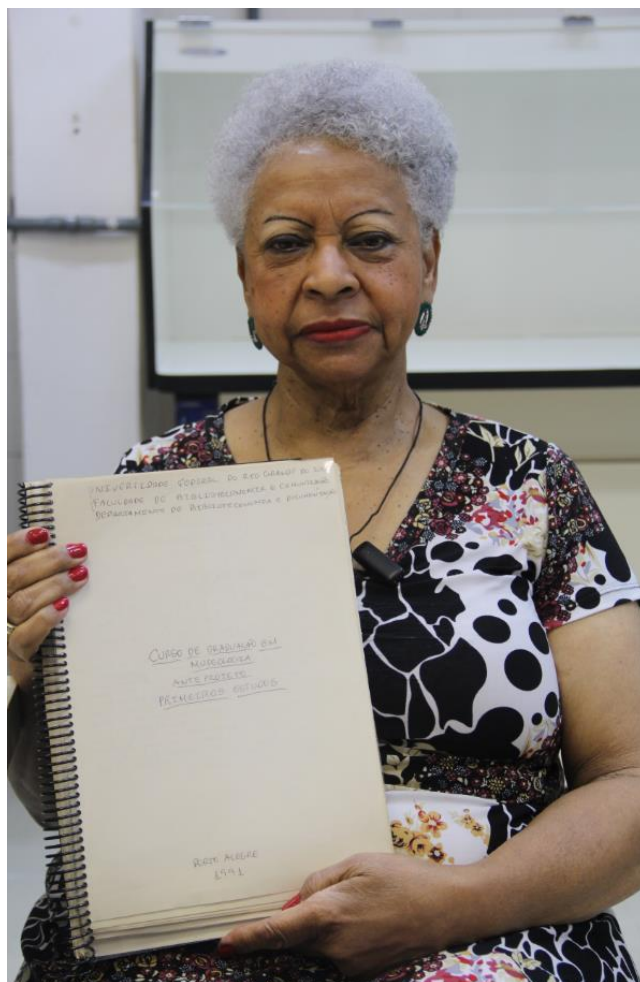
Pesquisa: disciplina BIB03096. Tópicos Especiais em Memória Social

Total de gravação: 1h43min (horário: 10:00 até 11:45)

Páginas digitadas: 26p.

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e os projetos de pesquisa *Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias* e *História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes* estão autorizados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes, a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, esta entrevista de cunho documental e histórico. As pesquisas estão certificadas pela Plataforma Brasil, CAAE: 59281922.1.0000.5347 e CAAE 58646822.5.0000.5347, respectivamente. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo:

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Iara Conceição Bitencourt Neves**. [Entrevista concedida a] Lizandra Caon, Isadora Guarnier e Igor Duarte Flores Pinto. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 31 de janeiro de 2023. 26p.



Fotografia de Sérgio Valentim, 2023

Possui Doutorado em Ciências da Comunicação, área de concentração: Ciência da Informação e Documentação pela Universidade de São Paulo (2000). Mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990). Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1972). Professora aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atuou como docente, extensionista, consultora e pesquisadora, no âmbito da promoção e mediação da leitura, informação para a educação, gestão, processamento da informação e educação de usuários em Bibliotecas Públicas e em Bibliotecas Escolares.



Porto Alegre, 31 de janeiro de 2023. Entrevista com Iara Conceição Bitencourt Neves, a cargo dos discentes da disciplina Tópicos Especiais em Memória Social, Lizandra Caon, Isadora Medaglia Guarnier e Igor Duarte Flores Pinto, sob supervisão das professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz, para o Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, e o Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes.

I.C.B.N. - Bom, então antes começar eu devo pedir até encarecidamente que se eu estiver me alongando muito vocês me interrompam, porque a Marlise [Giovanaz] me conhece a mais tempo que vocês, ela sabe que eu falo demais.

M.G. - **Todo professor é assim, né?** [comenta ao fundo sala]

I.C.B.N. - E não é?! ... são coisas assim, muito gratas, e muito importantes. Eu entendo que seja importante. Eu me lembro que quando eu dava aula, e a minha disciplina sempre foi Catalogação, a preferida né, e a constante, 30 anos lecionando Catalogação e outras. Então quando eu chegava em sala de aula a gente tinha que conversar, tinha que falar. E eu também entrava muito em outros assuntos que eu achava importante para a carreira dos alunos. Que era o comportamento, o compromisso profissional, a importância do movimento associativo, participação, essas coisas todas. Até que nas avaliações que a gente começou a fazer semestralmente, uma delas um dia registrou nos comentários: “ela é muito boa, mas ela fala demais, ela conversa demais, ela fala muito em movimento associativo [risos]... e eu estava de corpo e alma nisso. Então aí me controlei mais um pouco. A origem disto aqui [aponta para uma encadernação que uniu seus escritos sobre o planejamento do curso de graduação de Museologia na UFRGS, item MSL.1.6 do repositório digital do Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias] remonta ao ano de 1989 quando eu assumi, a convite do então professor Carlos [Jorge] Appel, secretário executivo



de Cultura, que na época era o CODEC [Conselho de Desenvolvimento Cultural], depois é que ele implantou a Secretaria da Cultura. Então em 1988, quando o governador [Pedro] Simon assumiu, ele entrou para essa área, a esposa dele se chamava Mirna Bier Appel, que era professora de Letras, de Latim, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pessoa brilhante e que fez Biblioteconomia também. E o professor [Carlos Jorge] Appel era da área das Letras, e ela foi como assessora dele... e um dia eu num movimento associativo, na Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, em reunião uma noite, tocou o telefone, o presidente foi atender, voltou e disse para nós assim: “nós temos uma tarefa muito importante dentro do Estado... A Mirna [Bier Appel] (que era essa colega), nos ligou pedindo dez nomes de bibliotecários para que o professor [Carlos Jorge] Appel, secretário executivo do CODEC [Conselho de Desenvolvimento Cultural], que reunia todas as agências, todos os institutos culturais do Estado, de todas as áreas. Mesmo aqueles que não estavam ainda diretamente ligados à Cultura. Então ele tinha essa responsabilidade, era letras, artes, dança, biblioteca, museu... não arquivo, porque o arquivo sempre pertenceu à Justiça. Mas, de alguma forma o Arquivo Histórico, sim. E ele então estava pedindo nomes, que a Associação indicasse dez nomes de bibliotecários para que ele fizesse o convite para dirigir as bibliotecas públicas do Estado. Públicas, não escolares. Escolares sempre foi tarefa da Secretaria de Educação. E aí o Carlos [Luiz da Silva], que era presidente disse: “meu Deus, o que que eu vou fazer, como é que nós vamos fazer, como é que nós vamos achar dez pessoas, assim né, de um bom perfil?”. E eu disse: “muito simples, vamos ligar para o Conselho Regional de Biblioteconomia, vamos pedir a lista de todos os bibliotecários registrados. Porque para exercer a profissão vocês têm Conselho também, sabe, tem que ser registrado”. E assim o Conselho mandou e nós uma noite nos sentamos e percorremos um por um [dos registrados]. E eu tenho uma parte nessa história porque eu conhecia muitas pessoas. E essa função de professor nos dá essa, essa possibilidade. Muitas [pessoas] tinham passado por mim, então a gente



conhecia o trabalho. E então a gente selecionou dez bibliotecários, que nós entendíamos que teriam condições de exercer a tarefa de coordenar as bibliotecas públicas, porque não é fácil. Biblioteca pública, biblioteca escolar. Não é fácil mas... ele [Carlos Jorge Appel] fez os convites. E praticamente todos aceitaram. Uma ou duas que já estavam continuaram. As outras então assumiram. E nesse meio tempo, o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas estava vinculado a direção da Biblioteca Pública do Estado, e era uma tarefa muito difícil dirigir a Biblioteca Pública do Estado, e ao mesmo tempo todo o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (abrangia na época 400 municípios, a maioria tinha Biblioteca Pública). E nessas Bibliotecas Públicas, a maioria delas, nas cidades um pouco maiores, um pouquinho mais desenvolvidas, a Biblioteca Pública assumia a função de Arquivo e de Museu também. Porque não havia Arquivo e não havia Museu na cidade, e nós tínhamos que preservar o patrimônio cultural, não é? Então ele falou com a Suzete [Levy Nunes Teixeira], que no caso era a diretora da Biblioteca Pública [do Estado do Rio Grande do Sul], e perguntou para ela se eu não aceitaria ir dividir a função de coordenadora do Sistema Estadual [de Bibliotecas] com ela. Mas eu já estava numa situação aqui [UFRGS] no Sistema de Bibliotecas (eu também sou bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, na época). E eu digo, “é bom arejar, vou mudar de ares, vou aceitar”. Porque eu sou cigana, sabe, apesar de não ter nenhuma aparência [risos]. Mas a minha alma é de cigana. Eu não sei ficar parada. Muito tempo fazendo as coisas... eu gosto de fazer aquilo que me dá, me obriga a me movimentar, a me desafiar. E ali era um desafio, né? E eu digo “tá, eu aceito”. E aí, nesse meio tempo surgiu um processo de mudança no sistema de direção, mudou Reitor [da UFRGS], aí começaram aquelas histórias de lista disso, lista daquilo, e indicaram três nomes pra fazer, para compor a lista tríplice, da direção da Biblioteca Central, que coordena todo o nosso Sistema de Bibliotecas da UFRGS. Então fiquei eu, ficou a Zita Catarina [Prates] de Oliveira e ficou a Leonora [Geiss] Lund. A Leonora [Geiss] Lund era da Ciências Econômicas. Ficamos as três candidatas. E aí fomos



entrevistadas pelo Pró-Reitor na época que coordenava. E ele então fez a escolha dele. Ele escolheu a Zita Catarina Prates de Oliveira, que exerceu depois de muito tempo a função no CPD [Centro de Processamento de Dados], pra dirigir o Sistema e a Biblioteca Central. E, modéstia à parte, eu era uma candidata forte em um grupo grande de colegas né, mas não...não deu. Então, eu não fui contemplada, nem a Leonora [Geiss Lund], mas o meu processo de cedência já estava andando. E aí então, quando a Zita [Catarina Prates de Oliveira] assumiu eu fui lá e disse “olha Zita [Catarina Prates de Oliveira], pode mandar meu processo para frente que eu vou aceitar essa cedência”. E aí então o [Fernando] Collor [de Mello], que era o presidente [do Brasil] na época, me permutou e o governo do Estado teve que ceder uma bibliotecária do Estado, que por sinal era minha colega, para vir aqui trabalhar [na UFRGS], porque eu era da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), eu era bibliotecária de referência aqui da FABICO. E ela ficou, a Tânia [Maria Silva] Keller. Até a entrada do [Alceu] Collares [como governador do Estado do Rio Grande do Sul]. Quando o [Alceu] Collares entrou e a Neuza Canabarro resolveu puxar tudo que era pessoal da [Secretaria de] Educação, professoras que estavam cedidas em outras Secretarias, puxou a Tânia [Kerr] também para a casa. E eu fiquei lá ainda mais um ano. Nesse meio tempo, com o trabalho na Secretaria da Cultura que eu assumi em junho de [19]89, o que que aconteceu: foi um movimento na minha vida que me virou de cabeça pra baixo. Porque era uma atividade completamente diferente da ação acadêmica. Lá tudo é assim de última hora, é de ontem. De anteontem. E sem dinheiro... sem dinheiro. E queriam as coisas prontas. Eu muito botei dinheiro do meu bolso para cumprir as tarefas, embora eu ganhasse uma polpuda [risos de ironia] FG [função gratificada], porque o [Fernando] Collor [de Mello] só autorizou a saída se eu tivesse uma função gratificada. Um cargo de confiança. Aí ele teve que me dar o título né, de Coordenadora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado do Rio Grande do Sul. E com isso me concedeu uma polpuda FG [função gratificada], que na época era 70 reais, tá?!



Isso em 1979, né?! [risos]. Mas eu gastava muito mais. Muito mais... mas, tudo bem, eu queria fazer as coisas mesmo, né? Então, eu ainda tinha a minha função aqui. A dupla função já, dentro da UFRGS. Já era professora do Curso [de Biblioteconomia], já era bibliotecária. Aí tinha uma, uma colega minha que era muito ácida e ela: “pra quê tu quer tanto dinheiro assim? Vai trabalhar... não precisa ganhar duas vezes na UFRGS, vai trabalhar de graça pro Estado, que o Estado tá precisando” [risos]. Mas a gente foi indo, foi indo... e aí eram as tarefas. Que que aconteceu: professor [Carlos Jorge] Appel (vejam que aí começa então o fio da meada), o professor [Carlos Jorge] Appel instituiu em 1989 um projeto, primeiro ele escolheu coordenadores culturais em cada município que quisessem colaborar. Coordenadores de Cultura. Esses Coordenadores de Cultura eram pessoas ligadas no momento em ações culturais, bibliotecas, museu, arquivo, eles [os Coordenadores de Cultura] então, junto às prefeituras se firmaram nesse compromisso. Todo ano eles [os Coordenadores de Cultura] tinham que fazer uma semana de ação cultural no município. Agitando todas as áreas da cultura. Então ele [Carlos Jorge Appel] ao mesmo tempo movimentou os órgãos ligados à Cultura que coordenava. Então ele [Carlos Jorge Appel] agitou os museus né, através no MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli], do Sistema Estadual de Museus, que qual não foi a minha surpresa? Quando eu cheguei na [Secretaria de] Cultura, que comecei a tomar conhecimento desses órgãos de coordenação, eu descubro que há uma lei que cria, né, um decreto, que criou o Sistema Estadual de Museus, que dava 10 a 0 no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas. Em termo de organização, de visão nas regiões museológicas (na época eram nove, não sei se ainda são) [são sete regiões museológicas]. E aquelas pessoas coordenadoras das regiões de museus, e eles tinham reuniões periódicas, eles faziam eventos. E ele puxou [Carlos Jorge Appel] todo esse povo [do campo dos museus] e nos disse: “vocês vão organizar junto com os Coordenadores de Cultura dos municípios, a semana de cultura do município”. Então, movimentou o Rio Grande do Sul. O que ele [Carlos Jorge Appel] queria? Ele queria



apresentações culturais, ele queria cursos de atualização das pessoas que estavam ali (a maioria eram professores), profissionais não existiam. Mesmo os bibliotecários que era já uma profissão mais antiga, não havia bibliotecário nos municípios. Era um, dois, três e pronto. Então a maioria eram professores que exerciam essa função. Muitos, assim, com a boa vontade, com o amor, com interesse, mas sem técnica, sem conhecimento nenhum. Então essa Semana de Cultura foi um banho de Cultura nos municípios, e nos grupos, e criou um incentivo, vocês não podem imaginar como as pessoas que atuavam, que além delas participarem como também ouvintes dos cursos, participantes, elas também tinham um compromisso de fazer apresentações culturais, de organizar exposições para mostrar para a cidade, movimentar...então qual era o nosso público-alvo, como sempre? O aluno. E a comunidade. A comunidade também participava, mas principalmente o público-alvo era o aluno. Muitos municípios tinham apenas uma escola de Ensino Médio, e o [Ensino] Fundamental, e quase nada de [Ensino] Infantil. Era década de 1989, início de 1990. As pessoas que assumiam essa Coordenação de Cultura nos municípios criaram uma autoimagem muito positiva, uma grande responsabilidade. E depois ele [Carlos Jorge Appel] aproximou esse grupo da FAMURS, que é a Federação de Associação dos Municípios do Estado do Rio Grande do Sul, que era dividido também por zonas, regiões. E com isso a gente foi trabalhando e foi criando também ligações com as próprias coordenações aqui de Porto Alegre. Então ele [Carlos Jorge Appel] aproximou a biblioteca do arquivo e do museu, das artes, do cinema, dos bonecos... dessa turma toda. E foi muito bom, que cada um deu um pouco de si, e trocou. Eu aprendi muito. E aí, numa bela noite, nós estávamos em uma dessas cidades (que eu já nem me lembro qual era, não sei se era Ijuí, alguma coisa assim), para começar uma Semana da Cultura lá, e quando eu cheguei, que eu cheguei mais tarde que o grupo, nós estávamos reunidos no saguão do hotel, já tinham jantado e tal... e ali e conheci a Miriam [Regina Aloísio] Avruch, conheci a Teniza [de Freitas] Spinelli, que era a coordenadora do Sistema



Estadual de Museus. Muito falante também, muito assim, aberta né... e aí ela se apresentou, eu me apresentei... “ahhh tu que é a lara das bibliotecas... eu acho que nós temos que conversar”. “Ah, tu é da Universidade também, é?” “Sou da Universidade...”. “Onde é que tu leciona?” Eu disse, “eu leciono na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação no curso de Biblioteconomia, e eu sou bibliotecária...”, “Ahhhh então nós temos que conversar! Nós temos que conversar, porque eu estou dizendo pra Miriam [Regina Aloísio Avruch] que não adianta fazer curso de extensão para o grupo de museus [risos], que não adianta, que nós temos que criar o Curso Superior de Museologia [a entrevistada bate empolgada com a mão na cadeira para enfatizar a empolgação]. E nós vamos precisar de ti. Tu vai ter que abrir caminho para nós dentro da Universidade [UFRGS], para nós chegarmos lá, que a gente não consegue”. Elas estão vivas ainda?

A.C.G.F e M.G - Sim, estão vivas! E como foi esse diálogo entre vocês?

I.C.B.N. - Então, nessas regiões museológicas tinha gente muito boa, eu me lembro que a coordenadora de Ijuí, com aquele museu de Ijuí, era uma coisa fantástica. Ela era maravilhosa. Dinâmica, eu digo “bah, tu é um exemplo para mim”. Uma pessoa dinâmica mesmo. Aí a Teniza [de Freitas Spinelli] me fez esse desafio. Eu digo, “não, tudo bem, vamos atrás, vamos procurar sim”. Mas havia entre as duas, que eram as líderes de ponta né, as que se chama ponta de lança, eram a Teniza [de Freitas] Spinelli e a Miriam [Regina Aloísio] Avruch. Por quê? Porque a Miriam [Avruch] coordenava, era a coordenadora/diretora do Museu do MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli], que era o carro-chefe nessa área de museus. E Teniza [de Freitas Spinelli] como coordenadora [do Sistema Estadual de Museus], jornalista, muito batalhadora. Mas entre elas era engraçado, que eram amigas, estavam sempre juntas, mas cada uma tinha um ponto de vista diferente. Era uma coisa fantástica, sabe? A Miriam [Regina Aloísio Avruch] era favorável aos cursos de formação rápida que



a gente chama de extensão. Atualização e extensão, hoje em dia a gente não chama mais como a gente chamava treinamento, reciclagem, não se diz mais. Mas eram cursos de atualização, de extensão. Ela dizia que tinha que fazer isso para as pessoas trabalharem melhor, tinha que fazer, tinha que fazer...E a Teniza [de Freitas Spinelli] já era favorável a formação superior... e ela também estava no museu, perdão, no Conselho, né?! Era Conselheira Regional [de Museologia]. Uma queria curso de extensão, a outra queria formação superior. E a polêmica veio cair nas minhas mãos. Por quê? Porque eu era o elo né, entre elas, a Cultura, vamos dizer assim e a Universidade [UFRGS], justamente dentro da Biblioteconomia. Que na época a gente tinha em São Paulo, Rio de Janeiro, essa ideia, mas nem sempre aceita por todo o Brasil, de que Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia tinham a mesma raiz. A mesma raiz. O mesmo objetivo básico, que é a memória social, memória cultural, memória patrimonial. A história registrada, preservada, na forma de documento. E havia um curso no Rio de Janeiro que eles ofereciam os três cursos. Chamava-se FEFIERJ [Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO]. A FEFIERJ tinha curso de Arquivologia, tinha curso de Museologia e tinha curso de Biblioteconomia. Na época eu conheci, logo que eu entrei para faculdade em 1970, eles estavam no auge no Rio de Janeiro. Eu conheci o coordenador do curso de Biblioteconomia, se chamava Antônio Caetano Dias. Era uma sumidade e escreveu livros na área. E aqui nós tínhamos uma professora no curso [de Biblioteconomia] que na realidade ela era bibliotecária e entrou como professora no último ano que eu estava. Fazendo curso em 1972, foi nossa professora de Organização de Bibliotecas. Se chamava Lourdes Catharina... ela tinha um nome de nobre, sabe? Lourdes Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva. Era o nome dela. E, a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] era uma das bibliotecárias da antiga, das primeiras turmas, era bibliotecária do SESC [Serviço Social do Comércio]. Criou a rede de bibliotecas



do SESC [Serviço Social do Comércio], aqui em Porto Alegre, coordenada por São Paulo. Era uma pessoa muito considerada, apaixonada também pela Biblioteconomia, e era muito amiga, por causa da questão de profissão, do Antônio Caetano Dias. Ela [Lourdes Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] ia sempre para o Rio de Janeiro, a gente já tinha um Congresso desde 1954, Congressos Brasileiros [de Biblioteconomia], já justamente pra tratar da Lei, a Lei saiu em 1962 [lei 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício]... e, ela se entusiasmou, a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva], quando ela conheceu aquele grupo de cursos ali, né. Irmanados, enfim, ela [Lourdes Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] se apaixonou, e criou um sonho. Trazer para nossa faculdade [FABICO] os cursos que nós não tínhamos, que era Arquivologia e Museologia. Só tínhamos Biblioteconomia. A Universidade de São Paulo também só tinha Biblioteconomia, mas depois criou [o curso de] Arquivologia. E nesse meio tempo se criou um movimento dentro da Editora Brasiliense, se não me engano, para divulgar as profissões. Então ela criou uma série dentro da Editora chamada “O que é?”. Um cartilhazinho desse tamanho [demonstra com as mãos]. Então tinha o que é de tudo, democracia...o que é democracia, o que é biblioteca (não era o que é Biblioteconomia porque eles convidaram o Luiz Augusto Milanesi para escrever sobre Biblioteconomia e ele, diferente, como sempre, nomeou o material dele, “O que é biblioteca”). O que é documentação, tem isso e tem aquilo. E a Johanna Smith, se eu não me engano, que era professora da USP [Universidade de São Paulo] também, escreveu sobre o que é documentação. Na época era uma matéria muito importante dentro do nosso curso [de Biblioteconomia], e depois com a reforma de [19]84 foi tirado de nós e deixado só na Arquivologia. E a Johanna Smith denominou essas três áreas das Três Marias. Então durante muito tempo a gente se referia às Três Marias, as três áreas, as três ciências como as Três Marias. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Mas alguns partidários, algumas



pessoas da área da Museologia não concordavam conosco. Não entendiam que havia uma raiz. Uma raiz maior que as unia, tanto que vocês podem ver que o curso da Bahia, da Museologia, nunca se filiou, nunca se vinculou, nunca se uniu e nem querem saber de Biblioteconomia e de Arquivologia. Eles são independentes. Mas como a FEFIERJ [Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro] fez essa experiência, a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] se baseou muito nessa experiência, ela começou desde então na década de [19]80 a batalhar para criar o curso de Arquivologia e, em paralelo, o curso de Museologia. Quando eu entrei na [Secretaria de] Cultura, que recebi da Teniza [de Freitas Spinelli], até da Miriam [Regina Aloísio Avruch] mesmo, essa tarefa: “Porque tu não abre o caminho pra nós?”. Na época que eu estava no Sistema [Estadual de Bibliotecas Públicas], lá na [Secretaria de] Cultura, trocou com a mudança do governo, trocou a coordenação do Sistema [Estadual] de Museus. Na época que eu estava no Sistema [Estadual de Bibliotecas Públicas], lá na [Secretaria de] Cultura, trocou com a mudança do governo, trocou a coordenação do Sistema [Estadual] de Museus. Passou para as mãos da Joana [Elizabeth Santos Mondadori], agora não me lembro o sobrenome dela. Mas era uma museóloga bem magrinha, alta e muito querida. Era a Joana [Elizabeth Santos Mondadori] o nome dela. Ela passou a assumir o Sistema Estadual de Museus. Mas já estava aquela conversa, aquelas ideias fervilhando da Teniza [de Freitas Spinelli], nós já tínhamos feitos algumas reuniões, aqui inclusive, aqui dentro da Faculdade [FABICO], com a chefe de Departamento [de Biblioteconomia], que aí eu trouxe a demanda para o nosso Departamento [de Biblioteconomia], expliquei... e na época não sei se eu não me engano era a Jussara [Pereira Santos] a chefe de departamento, prontamente se abriu para a questão e disse “não, não há problema nenhum, se elas têm interesse e gostariam que a Biblioteconomia puxasse essa ideia, enfim, dentro da UFRGS, vamos trazê-las aqui e vamos conversar com elas”. Aí fizemos várias reuniões. Lá na Faculdade [FABICO], no



espaço né. Fizemos as reuniões e tudo, e aí começou, um dia foi assim sensacional né, porque estávamos nós quatro, depois a coordenadora da nossa COMGRAD [Comissão de Graduação] que eu não me lembro mais quem era, e conversando sobre o curso [de Museologia], e as duas na polêmica: “nãooo, eu quero que se faça curso de extensão (a Miriam [Regina Aloísio Avruch])”, “não, não (a Teniza [de Freitas Spinelli]), é curso de Museologia, curso superior, bacharelado, isso e aquilo, e tal”. E a Jussara [Pereira Santos] não é como eu, ela é uma pessoa maravilhosa, a Marlise [Giovanaz] teve a ocasião de trabalhar com ela, mas ela tem um estopim muito curto, sabe? Ela [Jussara Pereira Santos] não tem muita paciência. Aí ela ficou, assim, muito “agastada” com aquela discussão ali que não caminhava a nossa questão [risos]. Aí ela [Jussara Pereira Santos] disse “olha, quer saber de uma coisa? Eu vou propor uma coisa para vocês: primeiro vocês resolvam essa pendenga. O que é que vocês querem afinal? Da UFRGS? Nós podemos oferecer as duas coisas, não há problema nenhum, é só chamar as pessoas, os projetos e ir implementando. Agora, nós não podemos ficar assistindo isso aí, que isso aí nós não temos o poder de decisão. Vocês que têm que decidir como chefes né, coordenadoras, resolvam essa questão de vocês, quando tiverem resolvido voltem para cá que a gente está aqui de braços abertos”. E elas [Teniza de Freitas Spinelli e Miriam Regina Aloísio Avruch] não voltaram. Não voltaram, terminou o mandato do [Pedro] Simon, entrou o outro governo, que foi o [Alceu] Collares. Mudou a coordenadora do Sistema, a Miriam [Regina Aloísio Avruch] continuou lá no MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli], mas já não tinha essa proximidade, e um dia conversando com a Joana [[Elizabeth Santos Mondadori, que atuava, segundo a entrevistada no Sistema Estadual de Museus], e eu ainda estava no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, que eu fiquei nove meses ainda no governo do [Alceu] Collares, coordenando o Sistema. E na Secretaria da Cultura onde era a nossa base, nós trabalhávamos juntas, assim na mesma sala. E conversávamos muito e ela viu o meu trabalho, de extensão com as bibliotecas,



professoras, enfim. E ela se interessou, e ela também começou a prestar atenção: “ah não, eu acho que nós precisamos mesmo é de Curso Superior. Como é que a gente faz?” Aí eu vim pra Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] que era chefe do Departamento [de Ciências da Informação] e ficou muito contente com a possibilidade. Porque o curso de Arquivologia já tinha sido instalado, já estava andando, ela [Lourdes Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] conseguiu trazer o curso, criar o curso aqui dentro com a Ana [Regina] Berwanger, que veio de Santa Maria pra fazer o projeto e ficou até se aposentar aqui. E então faltava era a Museologia mesmo. Aí ela [Lourdes Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] me disse: “olha, tu diz pra Coordenadora do Sistema [Estadual de Museus] que ela tem que encaminhar uma carta, uma solicitação, assinada pela Secretaria da Cultura” (que já não era mais o professor [Carlos Jorge] Appel), era a Dona Mila Cauduro. A Dona Mila [Cauduro] era uma figura né? Aquela figura assim, eu olhava para ela, magrinha, assim coitadinha [risos]... coitadinha não, mas ela era uma senhora, né, da alta sociedade. E com todo aquele perfil, né. Ela me olhava assim, de cima pra baixo, como quem dizia: “o que está fazendo aqui, coordenando o Sistema Estadual de Bibliotecas?”). Ela tratava assim. Mas eu não estou nem aí, eu faço a minha parte e cada um faz a sua. Sempre foi meu lema. E aí, falamos com ela [Mila Cauduro], e ela fez a carta solicitando que a UFRGS fizesse esforços pra criar o curso de Museologia, etc., etc... eu trouxe a carta, apresentei pra Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] e ela apresentou lá para uma das Câmaras [da UFRGS], acho que ela era ainda diretora na época da faculdade [FABICO], então ela tinha assento no CONSUN [Conselho Universitário]. Ela era diretora [da FABICO] e tinha assento no CONSUN [Conselho Universitário], que é onde se decidem essas grandes coisas da Universidade. E veio com a notícia de que foi favorável, a assembleia achou interessante. Então, vamos começar a trabalhar. O que que eu fiz? Chamamos a Joana [Elizabeth Santos Mondadori], que veio, veio a Miriam



[Regina Aloísio Avruch] também, não podia deixar de chamá-la, elas concordaram, então a primeira tarefa foi criar uma proposta de currículo. Começando pelo currículo. Um currículo mínimo, no caso. Uma proposta de currículo... e aí, onde conseguir? No Rio Grande do Sul não tinha um curso [de Museologia], Santa Catarina nenhum, etc., etc., etc.

M.G. - Que currículos que pesquisaram? [aproximando a encadernação que uniu seus escritos sobre o planejamento do curso de graduação de Museologia na UFRGS, item MSL.1.6 do repositório digital do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias]

I.C.B.N. - Exatamente! [segura a encadernação, emocionada em revê-la]. Nós fomos atrás dos cursos [interrompe e folheia uma página dos documentos]. Aqui está: A FEFIERJ [Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro], que eu falei depois se tornou na UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro], quando foi criada umas universidades, acho que no final do governo [a FEFIERJ foi criada pelo Decreto-Lei nº 773 de 20 de agosto de 1969], se eu não me engano, no final do governo de [João] Figueiredo...foi né? [A professora Ana Carolina Gelmini de Faria concorda ao fundo]. Eu estava fazendo meu mestrado em Minas Gerais, recebi a notícia, muito contente, que inclusive foi no ano que foi criada a Universidade Federal de Pelotas [8 de agosto de 1969] e outras tantas. Exatamente, então a gente conseguiu tudo isso aqui [sussurra folheando as folhas da encadernação] imagina...

L.C - E quem era o contato na UNIRIO? Para quem a senhora solicitou o currículo?

I.C.B.N. - Ahhhhh, mas aí tem outra história para contar para vocês [risos]! Quando veio esse pedido do Sistema Estadual de Bibliotecas [continua



folheando as folhas da encadernação]... Marlise [Giovanaz], eu jurava que isso aqui [a encadernação] tinha se perdido pra demolição da biblioteca escola!

M.G. - Não, não, está guardado, tudo no arquivo da FABICO.

I.C.B.N. - Isso mesmo, isso mesmo... aí 1985, eu acho que foi, 1985...eu entrei como professora em 1981, mas isso aí já tinha sido...1989...começou....acho que antes, antes mesmo (vê como são as coisas), antes mesmo das meninas da Museologia virem conversar comigo e eu assumir essa parte em 1989 a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] tinha essa ideia fixa de criar os três cursos aqui. Então ela foi diretora [da FABICO] nessa época, em 1980 e poucos, na gestão do [Francisco Luís dos Santos] Ferraz, ela um dia me chamou, a mim e a Ida Regina [Chittó Stumpf]: “vem cá que eu quero falar com vocês” (tá, fomos), “eu tenho uma tarefa para vocês” (eu não sei exatamente o ano, mas acho que foi entre 1985, 1986, por aí...), “eu vou pagar uma passagem de ida e volta, e hospedagem, para vocês fazerem uma visita a FEFIERJ [Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro]”, aliás, já era a UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro] e, se eu não me engano, a [Universidade] Federal Fluminense também que tinha Arquivologia. “E em São Paulo vocês visitarem a USP [Universidade de São Paulo] para saber se eles estão implantando esses cursos, se vão implantar, se existe e como é que está funcionando. Vocês têm essa tarefa, vocês vão, façam a visita, entrevista, façam um relatório e me entreguem, que nós vamos começar a movimentar isso aqui”. E aí nós fomos, eu e a Ida Regina [Chittó Stumpf]. Nós ficamos acho que quase uma semana, entre São Paulo e Rio [de Janeiro], fizemos as entrevistas, aí que nós conhecemos pessoalmente o prédio da UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro], que está lá até hoje, ali na Urca, não é? [professora Ana Carolina Gelmini de Faria concorda]. Ainda não estava tão pomposo assim [risos]. E conhecemos as coordenadoras,



do curso de Museologia e do curso de Arquivologia, que depois a gente teve um contato mais direto com a Arquivologia, a Museologia nem tanto, porque custou muito para agilizar isso aqui. E fomos à [Universidade] Federal Fluminense também, conversar lá... tinha um problema lá na [Universidade] Federal Fluminense, que lá tinha Arquivologia, e lá o diretor do Centro de Documentação da Universidade era o Esposel, José [Pedro] Esposel, que era arquivista, coordenador, um líder dentro da UFF. Tinha horror de bibliotecário, não gostava, era aquelas brigas... isso aí é um outro capítulo. Isso é a parte anedótica né... mas a gente foi muito bem tratada. E a gente foi a São Paulo também, lá não tinha Museologia, depois que foi criado e não foi dentro da ECA [Escola de Comunicações e Artes]. A Escola de Comunicações e Artes [da Universidade de São Paulo] tinha Biblioteconomia, a parte de Arte, Cinema, etc. e Arquivologia também. Mas a Museologia, quando começou esse movimento, foi no museu [refere-se aos museus universitários da Universidade de São Paulo] se eu não me engano.

M.G. - Que foi no museu de...

I.C.B.N. - Dentro do campus. Mas a gente fez essa viagem, fez o relatório, entregou para a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] e tá... o que ela fez? Vamos por partes, vamos primeiro chamar a Arquivologia como nós temos em Santa Maria um curso de Arquivologia, vamos chamar o pessoal de lá pra vir trabalhar. A Museologia é mais difícil porque os cursos estão mais longe, demanda outra estratégia. Mas aí nesse meio tempo eu fui para o Estado [Secretaria de Cultura] e as coisas também começaram a acontecer. Aí nós viemos, a Jussara [Pereira Santos] deu esse ultimato para a Teniza [de Freitas Spinelli] e para a Miriam [Regina Aloísio Avruch], veio a Joana [Elizabeth Santos Mondadori], veio o documento, a Universidade [UFRGS] foi favorável, aí a Jussara [Pereira Santos] disse: “então agora nós vamos começar a trabalhar”.



Tu vais chamar a Teniza [de Freitas Spinelli], chamamos de novo né, a Teniza [de Freitas Spinelli], Miriam [Regina Aloísio Avruch], a Joana [Elizabeth Santos Mondadori] e outras que quiseram vir fazer a reunião, dar sugestões, mas tu vais fazer, vai ter que fazer o levantamento todo dos currículos, pela facilidade de comunicação entre as Universidades, enfim. E aí que eu comecei a fazer esse levantamento para criar um currículo mínimo já que havia também no Conselho Federal de Educação, um documento dos cursos de nível superior, todos eles tinham que ter esse currículo mínimo, aprovado pelo Conselho Federal de Educação, e aí a gente começou a fazer esse levantamento. Foi um trabalho porque a Jussara [Pereira Santos] me disse: “olha, para facilitar, nós vamos primeiro montar uma proposta de curso e aí apresentar, e aí elas [Teniza de Freitas Spinelli, Miriam Regina Aloísio Avruch, Joana Elizabeth Santos Mondadori] começam a discutir, aí a classe começa a discutir dentro da proposta de currículo mínimo que for apresentado”. Então daí que eu comecei a fazer esse trabalho, que demorou um tempo, porque é uma coisa que eu sempre gostei de fazer, a Biblioteconomia comparada à Museologia, comparada é uma coisa muito interessante... mas aqui na Faculdade [FABICO] eu não tinha tempo de sentar, me dedicar horas... a gente não tinha essa cultura dos projetos, sabe? Não tínhamos ainda, era aula, aula, aula, prova, prova, exercício, exercício, alguma gestão acadêmica, COMGRAD [Comissão de Graduação] e Departamento tal, mas a gente não tinha horas para dedicar. Então não se criou um projeto formal de criação do curso. Ele foi feito em paralelo às atividades docentes e acadêmicas, de gestão acadêmica. Então, como é que eu fiz: eu vou fazendo no fim de semana. Na minha casa, né? Eu fazia lá. Por isso que vocês veem que é uma colcha de retalhos [aponta para a encadernação], porque na minha casa eu não tinha nem máquina de escrever. Eu usei a máquina da minha irmã para o mestrado, depois devolvi para ela, não tinha computador, então eu fazia à mão. E eu gostava de fazer à mão. Tem coisas aqui, esses quadros, essas coisas [folheia a encadernação] ... era mais fácil para mim, por incrível que



pareça montar à mão, e depois, no caso, que foi o que aconteceu, a gente passou tudo para planilhas, quando foi possível. Porque não tínhamos computador nas salas. Vocês pensam que essa riqueza de vocês aí, cada um tem um mais moderno que o outro, que fala, canta, só falta dançar... não, nada disso. Começou com um 286, nem era bem 286 ainda. Nos pc's é que começaram assim, mas eram aqueles outros computadores que a gente tinha que ir no CPD [Centro de Processamento de Dados] para fazer os trabalhos que dessem no computador. Então, foi assim. Fizemos isso aqui, e o que que aconteceu? Quando eu fui fazer o doutorado já era em 1986, entreguei isso aqui, eu entreguei para Jussara [Pereira Santos]. Houve, como diz o inglês, houve um *brake*, sabe? Eu fui pra São Paulo e fiz alguns estudos, algumas discussões, se isso serve, isso não serve, isso são muitas horas aula, muito poucas horas/aula, enfim, mas ficaram aqui. Eu peguei e entreguei para Jussara [Pereira Santos] e disse: "olha Jussara [Pereira Santos], eu vou entregar (ainda tem a assinatura da Ida [Regina Chittó Stumpf] aqui, viu? Das cópias que a gente tirava), vou deixar contigo, se tu tiver condição dê continuidade ao trabalho, o início tá aqui". Mas, o que que aconteceu? Eu saí e ninguém fez nada. Ninguém fez nada. Ninguém se interessou. A Biblioteconomia continuou, a Arquivologia estava aos trancos e barrancos, se estruturando, muitos problemas, e tinha que ter alguém só se dedicado a Museologia porque isso daqui não é um trabalho que se faz assim da noite para o dia. Aí eu fiquei cinco anos fora. Quando eu voltei já era 2000. Ninguém falava nada. E eu me envolvi com a COMGRAD [Comissão de Graduação] da Biblioteconomia e outra gestão acadêmica, entrei em paralelo na Câmara de Graduação, que tinha reuniões todas as semanas, na Câmara de Graduação entrei em outra na comissão, aliás, pelo CONSUN [Conselho Universitário], pelo COCEP [Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão] aliás. Eu entrei na comissão de recursos, era mais fácil né?! A comissão de recursos que é do COCEP [Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão] julga tudo que é processo que entra lá. Eu fiquei nessa comissão e na Câmara de Graduação.



Foi muito bom porque alargou meu espaço, não é?! Pedagógico, digamos assim, de relações públicas, com os outros cursos. Umas autoridades... então foi assim muito bom nesse sentido. Mas eu realmente não estava pensando na Museologia. O que que acontece: o nosso trabalho dentro do Departamento [de Biblioteconomia] depois que eu saí da COMGRAD [Comissão de Graduação] eu continuei igual no COCEP [Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão]... chamou a atenção do nosso vice-reitor da época. O professor Valdir [José Morigi] era na época o diretor da Faculdade [FABICO]. Era uma pessoa muito aberta, muito dinâmica, tudo ele gostava, ele via, sabe? Ele estava em todas... ele era também da área Sociologia. Então a cabeça tem mais aberturas, eu não quero desmerecer ninguém, mas é até por uma questão de perfil, perfil profissional. E ele [Valdir José Morigi] também teve outras experiências acadêmicas. Eu conheci o Valdir [José Morigi] aqui, aluno da Biblioteconomia, mas ele já era sociólogo. Estava inclusive fazendo mestrado em Sociologia [Sociologia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. E ele [Valdir José Morigi]... como eu era bibliotecária de referência aqui, da biblioteca... vocês sabem o que é um bibliotecário de referência, né?! Sabem? [risos]. Bom, a gente está ali a postos, na linha de frente atendendo as pessoas. E um dia ele [Valdir José Morigi] me pediu se eu conseguia um artigo, uma dissertação ou coisa parecida, que só tinha no Rio de Janeiro, que ele precisava para incluir na dissertação dele. Bom, com as ferramentas que nós tínhamos para recuperar informações foi muito fácil. Era tudo pelo correio, alguma coisa por fax... mas havia esse intercâmbio. Então aí eu pedi a tese, texto, e um dia chegou. Ele entrou um dia na biblioteca e eu: “tenho um presente...”. Ah, ele [Valdir José Morigi] ficou feliz da vida, terminou o curso de Biblioteconomia e... não, ele [Valdir José Morigi] não terminou o curso, nesse meio tempo eu já estava no doutorado, e ele fez concurso para professor da área de Sociologia, lá em Campina Grande, na Paraíba e foi lecionar. E foi para terminar o curso lá, tanto que ele terminou Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba. Quando ele [Valdir José



Morigi] voltou, porque aí... o que aconteceu: o Valdir [José Morigi] quis voltar para as santas terrinhas, então abriu concurso, de professor aqui, no Departamento [de Biblioteconomia], e ele já estava formado. Ele [Valdir José Morigi] fez o concurso, não havia esse intercâmbio que há hoje entre federais, que a gente pode ir para o lado que quiser, naquela época não podia. Era aqui e pronto. E ele [Valdir José Morigi] fez o concurso aqui e deu um rolo, uma confusão, não quiseram liberar, foi assim, muito complicado legalmente a vinda do Valdir [José Morigi] para cá, para o nosso Departamento [de Biblioteconomia]. Mas acabou vindo. Veio, se instalou, excelente professor, muito alegre, bom colega...e foi que ele [Valdir José Morigi] acabou diretor da Faculdade [FABICO]. Isso já em 2006, por aí... 2004, 2006, por aí. E eu era chefe do Departamento [de Ciências da Informação]. Um dia ele estava no CONSUN [Conselho Universitário], porque ele fazia parte do CONSUN [Conselho Universitário], e em uma reunião, o vice-reitor da época, o professor [José Carlos Ferraz] Hennemann, o Reitor, e o Vice-Reitor era o professor Pedro [Cezar Dutra Fonseca]. Um amor de pessoa... e ele chega para o Valdir [José Morigi]... e está aquela efervescência nas universidades da criação de novos cursos. Houve um interesse, uma chamada, uma estimulação do Ministério da Educação para as universidades brasileiras de criarem novos cursos, novas oportunidades, e todo o Brasil se movimentou. Eu me lembro que em Rio Grande, a FURG [Universidade Federal do Rio Grande], se candidatou a Arquivologia, a [Universidade] Federal de Pelotas tinha implementado a Museologia, eu me lembro que fez reuniões, eu fui, eu participei de duas reuniões do curso da Museologia, da formação do curso de Museologia em Pelotas, e o professor Pedro [Cezar Dutra Fonseca] chega perto do Valdir [José Morigi] e diz assim: “Valdir [José Morigi], nós temos mais ou menos uma demanda para vocês, para ti e pra professora Iara. Criarem o curso de Museologia nessa Universidade [UFRGS]”. O Valdir [José Morigi] arregalou os olhos “e agora...”. Chegou no dia seguinte e disse: “vem cá que eu tenho que te dar uma bomba: o professor Pedro



[Cezar Dutra Fonseca] colocou uma bomba na nossa mão”. E eu disse: “como assim?” “Ele quer que o Departamento de Ciências da Informação (porque já tinha Arquivologia), crie o curso de Museologia dentro do Departamento [de Ciências da Informação]”. E eu digo: “ah, mas isso aí para mim não é bomba nenhuma, isso aí pra mim é algo que um dia ia acontecer porque nós já temos os primeiros estudos prontos que era isso aqui ó [segura a encadernação]. Já temos pronto, iniciado, e agora Valdir [José Morigi], agora é para valer, agora nós temos que baixar a cabeça e colocar isso aí para andar. Temos que formar uma comissão pedagógica para estruturar o curso [de Museologia], já tem algumas ideias de currículo, mas tem todo um arcabouço, não é só as disciplinas, tem toda uma filosofia que a gente tem que nortear esse projeto. Nós temos que formar uma comissão interdisciplinar, porque o curso [de Museologia] é interdisciplinar. Temos que avisar o Sistema Estadual de Museus, a Secretaria da Cultura. E então a primeira coisa que eu fiz foi uma reunião do Departamento [de Ciências da Informação] e passei a demanda, porque nem é convite nem nada, é ordem né?! [risos]. A Reitoria [da UFRGS] quer que a gente crie o curso de Museologia. Eu feliz da vida, eu digo, o sonho da Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] vai se realizar. E aí começamos, o Departamento [de Ciências da Informação] em si não vibrou, sabe?! Não vibrou. Eu gosto das coisas que vibrem. E as minhas colegas, um ou dois só, acho que só o Valdir [José Morigi]. Ele estava pronto, porque ele veio, como diretor da Faculdade [FABICO], veio com a tarefa. Era de interesse dele também, e nós então levamos à frente, criamos uma Comissão, mais ou menos dez pessoas, professores, veio gente... não me lembro se veio alguém da [Secretaria de] Cultura, se mandou... mas acho que sim, veio a... [voz da Marlise Giovanaz ao fundo]... a Jane. Isso, a Jane [Elisabete Marques de Almeida] Caon! Veio a Jane [Elisabete Marques de Almeida Caon] e outras pessoas e outros professores. E nós estávamos no nosso Departamento [de Ciências da Informação] com uma pedagoga cedida, que era da Escola Técnica, a professora Sônia [Fontoura]



Cardoso. O cargo dela era professora pedagógica. E nós precisávamos de um pedagogo dentro da estrutura, do grupo, para poder nortear toda essa parte pedagógica. Então a professora Sônia [Fontoura Cardoso] assumiu essa coordenação geral, mais a Ana Maria Dalla Zen... eu acho que tu também fazia parte, Marlise [Giovanaz]? [voz da professora Marlise Giovanaz concordando ao fundo]... isso, isso mesmo! A Lizete [Dias de Oliveira] não me lembro se entrou também, o pessoal da área de História... E da nossa área...a Martha [Edy Krumenauer Kling] Bonotto. Algum lugar aí deve ter a portaria, tudo direitinho com os nomes, tudo. Eu, particularmente, embora quisesse muito não consegui entrar no grupo, trabalhar no grupo, para montar o curso [de Museologia]. Não consegui porque eu já tinha essa função, na época de chefe do Departamento [de Ciências da Informação]. Mas eu queria né?! Mas como eu já tinha estudado tanto isso, eu já tinha trabalhado tanto com a área, eu já tinha me apaixonado pela área e respeitado muito, porque eu entendo que a Museologia é uma área fundamental, como as outras, porque ela agrega não só o estudo histórico, mas ela agrega o documento, a História a memória. Tem toda essa parte educativa também com a comunidade, tanto que existe uma linha, da UNESCO [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura], que era Museu e Educação, a Educação em Museus, e realmente é uma escola. Museu é uma escola. Vai até o laboratório de ensino, enfim é algo fantástico. Mas eu tive que ficar no suporte. Foi com o Valdir [José Morigi] ficando no suporte e a comissão trabalhava, trabalhava. Tivemos uma outra professora dentro da Pró-Reitoria de Graduação, a outra pedagoga que tinha lá, que foi quem analisou o projeto... não me lembro o nome dela, lembro a figura dela... mas ela era quem ficou nessa parte de análise pedagógica do projeto. O projeto, só para vocês saberem, o esforço e a competência dessa Comissão... o projeto foi concluído, a estrutura dele conforme as normas, que há na Universidade [UFRGS] para isso. Depois ele teve que passar por essa análise da Pró-Reitoria de Graduação e depois ser encaminhada para a Câmara de Graduação e depois ir o CONSUN



[Conselho Universitário]. Porque quem cria, quem decide, é o CONSUN [Conselho Universitário]. Que é o colegiado dos diretores [das unidades da UFRGS]. Mas esse processo quando chegar lá tem que ser para dizer sim ou não. Até pode receber talvez um senão, mas a ideia é que ele chegue lá pra ser aprovado. E nós tivemos acho que foi as bênçãos de Deus. Nós tivemos uma, vamos dizer assim, uma... não digo sorte, porque nada é sorte, tudo é a vontade de Deus, não adianta... essa proteção! Foram dois anos de trabalho gente, foram dois anos. Acho que a gente começou em 2007... 2006, isso mesmo, foi quando eu fui lá em Pelotas, em Pelotas foi em 2005, 2006, para participar dessa reunião, e dar a notícia que a gente também estava trabalhando... então 2006, 2007. Foi concluído final de 2006, mais ou menos essas datas, foi concluído o projeto, eu digo que subiu, que foi lá para Reitoria, lá para as alturas, e aí passou por essas outras etapas, esses outros espaços... não sofreu um senão. Né Marlise [Giovanaz]? Tudo, tudo, tudo, tudo direitinho... mas também o grupo se esmerou. O grupo se esmerou para cumprir exatamente aquilo que estavam querendo. Não é na marra. Se está escrito que tem que ser assim, nós vamos fazer assim. Depois se não for bem do que a gente quer, a qualquer hora a gente pode mudar, depois que o curso [de Museologia] estiver andando a gente faz todos as mudanças que quiser. E foi aprovado, sem um senão, sem nada. E em março de 2008, ele foi instalado. Começou a funcionar. E essas professoras, esses professores, todos participaram, não é?! E foram naturalmente os professores [do curso de Museologia], e ainda conseguimos vaga de concurso para mais professores. Um deles foi a Jeniffer [Alves Cutty], a Zita [Rosane Possamai] porque tinha uma atuação bem grande dentro da área, veio para cá da [Faculdade de] Educação, né?! Eu fiquei muito feliz de deslanchar o processo... caiu nas minhas mãos de novo! Quando que eu esperei né?! Anos e anos depois... então, mexer com Museologia, assim, concretamente, desde 1989. Aí houve essas quebras todas de ano para depois, para de novo cair na minha mão, aí com uma responsabilidade mesmo, muito maior, pra valer mesmo!



Porque é o departamento que faz as propostas de curso, a Universidade entusiasma, mas ele tem que sair do Departamento. Cria-se uma nova Comissão de Graduação, a COMGRAD [Comissão de Graduação] da Museologia, que depois começa a administrar pedagogicamente o curso [de Museologia]. Pedagogicamente, porque administrativamente é o Departamento [de Ciências da Informação]. E ele [o curso de Museologia] está aí, com 15 aninhos! Tem que fazer um bolo, com 15 velinhas [risos ao fundo]. Não é uma debutante, debutante foi no primeiro ano [risos]. E eu gostei muito de participar, mesmo que por pouco tempo, indo para o final de 2011 me aposentaram, como diz a Itália [Maria Falceta da Silveira], a expulsória me pegou, e eu tive que sair, mas eu ainda tive a oportunidade de participar, acho que em uns dois eventos de Museologia, e um deles eu fui com a primeira turma de alunos pra Santa Catarina, nós fomos [a professora Marlise Giovanaz comenta que foi o 3º Fórum Nacional de Museus, em Florianópolis; a professora Ana Carolina Gelmini de Faria comenta que participou como aluna do curso de Museologia da UNIRIO]. Isso! Isso, foi lá UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina], e eles fizeram umas barracas naquela área, encontrei gente ali que não tinha visto desde que saí da [Secretaria de] Cultura, um deles foi Secretário de Cultura de Silveira Martins, muito conhecido ele, muito amigo do [Julio] Posenato, e eu fiz um projeto, coordenei um projeto para ele de levantamento de culturas da cidade de Silveira Martins, muito associado a essa parte museológica mesmo, sabe? Pela questão memória... Itaquí, José Itaquí, o nome dele.

[Intervalo]

I.C.B.N. - Eu dizia para os meus alunos temos que combater a inércia, temos que combater a preguiça, temos combater a falta de vontade de avançar, é muito fácil criar um mundinho para ti te esconder e o trem tá passando, nossa área é muito frágil, se a gente não se avivar, se a gente não fizer além... uma revista



que eu assinava e gostava muito tinha uma sessão que dizia: “Além do cumprimento do dever, sempre a gente tem que fazer um pouco mais...”, escutava: “para que tu vai te meter nisso? Tu é bibliotecária, porque tu vai te meter nisso, na cultura, no movimento associativo?” Mas tudo é o mundo, tudo é a vida, as coisas mudam, olha aquela Biblioteconomia que eu fiz, que eu conheci, ela não existe mais, que era desta aqui ó [mostrando a encadernação que foi escrita a próprio punho], isso não existe mais, meu computador faz mil vezes melhor, temos até inteligência artificial aí, mas nem tudo ela dá conta, nós ainda vamos precisar do homem, da cabeça do homem e da mulher... eu ainda gosto das minhas coisinhas, do meu papelzinho, gosto de escrever, eu não sou daquelas que vai para o computador, eu admiro vocês... vamos fazer um projeto? Vamos! [ela faz uma mímica referente a estar usando o teclado do computador]. Eu não sei fazer isso, primeiro eu tenho que ver, olhar, se eu faço um texto, eu tenho que imprimir para ver. Mas eu procuro me atualizar, claro, não tanto quanto vocês [risos], mas eu procuro né?! Tem que avançar e trabalhar com gosto, a primeira coisa é a mais importante, é gostar... vocês gostam de fazer Museologia? Gostam de viver? Não é só fazer! É viver, porque uma profissão não é uma roupa, gente... hoje eu troco e boto essa, amanhã boto a outra depois ela vai embora, se desgasta e eu compro outra e aí começa tudo de novo, não é... a profissão, quando a gente assume, ela entra dentro da gente, faz parte da gente, não dá para distinguir, diferenciar e tem que ter paixão, tem que amor, tem horas que a gente se desespera, tem hora também que gente diz uns nomes feios porque as coisas não estão como a gente quer, o governo não ajuda, a sociedade não ajuda, mas a gente tem que ir em frente, tem que quebrar pedra, tem que abrir caminho, tem que inventar, inovar, se a gente não fez mais é porque não deu tempo. Que tem muita coisa para fazer, ih a Museologia, nós temos muitos museus, muito museu dentro de instituições, de escolas, prefeituras, bibliotecas públicas, e cidades como eu falei que não tem ainda, mas dentro da biblioteca tem um armário que tecnicamente não é museu, mas



idealmente é porque é um início ali, é uma parte da história do município que está guardada. Por exemplo eu sou pelotense, nasci lá, me criei até uma certa época, depois casei e vim embora pra cá [Porto Alegre] em [19]69. Este tempo todo lá em Pelotas o museu era no andar de cima da Biblioteca Pública Pelotense, lá foi durante muitos anos. Quando eu li o edital do curso de vestibular para Biblioteconomia eu ainda morava em Pelotas, eu me apaixonei pelo currículo, era um currículo que nem aquele “red bull te asas” [Iara imita a propaganda da bebida energética] [risos], o currículo de Biblioteconomia dava asas, pelo menos pra mim, que sempre gostei de ler, tinha história da arte, a evolução dos estudos históricos e sociais, evolução dos estudos científicos e isso e aquilo, fora as disciplinas técnicas... Aí eu entro numa área que tem outras áreas misturadas, entranhadas, e tu não pode falar de Biblioteconomia se não fala de Arquivologia e de Museologia, uma é ferramenta da outra conforme o espaço. É uma coisa muito maravilhosa, eu amo muito minha profissão. Agora mesmo estou louca para voltar para o Rio [de Janeiro], para voltar para a Bahia, porque lá tem coisas muitas bonitas para ver, Minas [Gerais], São Paulo também. [A professora Marlise Giovanaz ao fundo fala: “Nos dez anos do curso de Museologia, 2018, nós fizemos uma viagem ao Rio de Janeiro e depois, em 2019, foi feita à Minas Gerais]. Vocês foram é? Que ma-ra-vi-lho-so, maravilhoso, Ouro Preto é fantástica! Eu morei dois anos em Minas Gerais, eu me sinto uma pessoa muito abençoada, porque a Biblioteconomia me deu muita coisa, as pessoas dizem: “Mas o que é?”. Me deu tudo em termos de realização pessoal, profissional, contatos com as pessoas, de conhecimento, e quando fui fazer o mestrado acabei indo [para Minas Gerais] em [19]79. Aqui no Rio Grande do Sul não tinha mestrado, tinha só no Rio de Janeiro, estava abrindo em Brasília e Belo Horizonte e eu então fui para Belo Horizonte, tive a oportunidade de conhecer essas cidades todas, circuito das águas, circuito histórico... No Rio Grande do Sul, o interior, tive oportunidades como coordenadora do Sistema [Estadual de Bibliotecas Públicas] de visitar, mas ainda falta, faltou muita coisa,



mas tentou-se fazer o melhor possível. E uma outra coisa que dificulta muito as nossas áreas é essa descontinuidade que nós temos, administrativa e política, para os nossos espaços culturais é uma descontinuidade total. Vem um que dá um dinheirinho, dá isso, dá aquilo, faz concurso, está tudo muito bem, vem o outro tira o dinheiro, não faz mais concurso, não constrói, não reforma, não cuida, cai tudo de novo, aí vem um outro... é, mas não vamos desesperar, vamos em frente. Eu agradeço a vocês o convite! Sabe, conhecer vocês! Uma pena que a Dona Lourdes [Catharina Josephina Gregol Fagundes da Silva] já não esteja mais entre nós! Aquela falava ainda mais que eu! [risos]. Mas ela era apaixonada também [pela Museologia]. Nós tivemos grandes bibliotecárias, batalhadoras que abriram caminho para muitas coisas... tivemos muitas mulheres participando na criação do curso [de Museologia], um protagonismo feminino! Muito obrigada! E a hora que vocês precisarem, quiserem uma informação aqui, outra ali, podem me chamar! Muito obrigada mesmo!

L.C. - Nós que agradecemos!

[Final do depoimento]

Presenciaram a entrevista com Lara Conceição Bitencourt Neves:

Ana Carolina Gelmini de Faria,
Diogo Santos Gomes,
Igor Duarte Flores Pinto,
Jefferson Magueta Trevisan,
Klara Maciel Albarenque,
Lizandra Caon Bittencourt,
Marlise Giovanaz,
Nina Mazim Dias,
Sergio Luiz Valentim Júnior,
Victoria Honnef Medeiros,
Vitoria Werlang Giraldo



NEVES, Lara Conceição Bittencourt. **Lara Conceição Bitencourt Neves**. [Entrevista concedida a] Lizandra Caon, Isadora Guarnier e Igor Duarte Flores Pinto. Porto Alegre: Programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 31 de janeiro de 2023. 26p.